



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

CARLOS DIAS CHAYM

**“HOMO LATTES”: O FAZER DOCENTE DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA SOB
O IMPERATIVO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO E DAS TELAS DIGITAIS.**

**FORTALEZA, CE
2023**

CARLOS DIAS CHAYM

**“HOMO LATTES”: O FAZER DOCENTE DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA SOB O
IMPERATIVO DA SOCIEDADE DO CANSÃO E DAS TELAS DIGITAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Edivani Silva Barbosa

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C42“ Chaym, Carlos Dias.

“Homo Lattes”: o fazer docente de professores de Geografia sob o imperativo da sociedade do cansaço e das telas digitais / Carlos Dias Chaym. – 2023.
31 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Geografia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profa. Dra. Maria Edivani Silva Barbosa.

1. Sociedade do cansaço. 2. Docência. 3. Geografia. 4. Telas digitais. I. Título.

CDD 910

CARLOS DIAS CHAYM

**“HOMO LATTES”: O FAZER DOCENTE DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA SOB O
IMPERATIVO DA SOCIEDADE DO CANSÃO E DAS TELAS DIGITAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em Geografia do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em: 18/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Edivani Silva Barbosa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Edvar Ferreira Basílio
(SEDUC e PROPGEO/UFC – doutorando)

Me. Silvia Heleny Gomes da Silva
(PROPGEO/UFC – doutoranda)

“HOMO LATTE”: O FAZER DOCENTE DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA SOB O IMPERATIVO DA SOCIEDADE DO CANSAÇO E DAS TELAS DIGITAIS.

Carlos Dias Chaym¹

RESUMO

O presente estudo está centrado na abordagem da Sociedade do Cansaço delineada pelo filósofo Byung-Chul Han, que se difere da Sociedade Disciplinar foucaultiana ao entender que a busca pelo desempenho constante e as referências e influências do mundo virtual tem levado ao crescimento de doenças neuronais. Considerando que a profissão docente requer uma formação mais extensiva do que muitas outras profissões, entender como as telas digitais influenciam a vida de docentes dentro e fora das salas de aula tem se tornado uma questão pertinente na compreensão do papel contemporâneo de professores. Assim, objetivou-se analisar como as telas digitais influenciam o fazer docente de professores de Geografia sob a ótica da Sociedade do Cansaço. Foi realizada uma pesquisa descritiva e exploratória de natureza qualitativa, que entrevistou de modo semiestruturado dez docentes atuantes em todos os níveis de educação de Geografia. Durante a análise das entrevistas, foram selecionados os trechos mais relevantes e posteriormente aglutinados por similaridade para, em seguida, serem criadas de forma emergente categorias conceituais que fazem referência à literatura. O estudo chegou a oito categorias conceituais (Percalços da formação e atuação profissional; Lados A e/ou B das telas digitais; Hiperconectividade; Auto coerção; Doença neuronais; Características da geração atual de estudantes; Recursos pedagógicos e; Docência contemporânea). Pode-se concluir que a formação docente, sua atuação em sala de aula e as características comportamentais dos estudantes de Geografia refletem os principais aspectos preconizados na literatura.

Palavras-chave: Sociedade do Cansaço; docência; geografia; telas digitais.

ABSTRACT

The present study is focused on the approach of the Society of Fatigue outlined by the philosopher Byung-Chul Han, which differs from the Foucauldian Disciplinary Society in understanding that the pursuit of constant performance and the references and influences of the virtual world have led to the growth of neuronal diseases. Considering that the teaching profession requires more extensive training than many other professions, understanding how digital screens influence the lives of teachers inside and outside the classroom has become a pertinent issue in understanding the contemporary role of teachers. Thus, the objective was to analyze how digital screens influence Geography teachers from the perspective of the Tiredness Society. A descriptive and exploratory qualitative research was conducted, interviewing ten Geography teachers working at all levels of education in a semi-structured manner. During the analysis of the interviews, the most relevant excerpts were selected and subsequently grouped

¹ Doutor, mestre e bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade Nilton Lins. Professor do Instituto Federal do Piauí (IFPI). E-mail: carlos.chaym@ifpi.edu.br

by similarity to then emerge conceptually relevant categories that reference the literature. The study arrived at eight conceptual categories (Challenges in education and professional performance; A and/or B sides of digital screens; Hyperconnectivity; Self-coercion; Neuronal diseases; Characteristics of the current generation of students; Pedagogical resources and; Contemporary teaching). It can be concluded that teacher training, their performance in the classroom, and the behavioral characteristics of Geography students reflect the main aspects advocated in the literature.

Keywords: The Burnout Society; teaching; geography; digital screens.

1 INTRODUÇÃO

O capítulo inicial do clássico livro *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault (1987), descreve duas formas de punição típicas de uma sociedade restritiva: o suplício do corpo, marcado pela espetacularização do sofrimento alheio e a disciplina, representada pela rotina obrigatória na Casa dos Jovens Detentos em Paris. Essas duas narrativas descritas por Foucault ilustram a mudança de punições impostas às pessoas que vão de encontro ao *ethos* de uma sociedade punitiva e disciplinar, representada em grande parte por instituições como hospícios, asilos, penitenciárias, fábricas e outras organizações.

Nessa sociedade disciplinar, impera uma dialética da negação onde o sujeito tem sua liberdade tolhida mediante um poder que emana das práticas e de instituições. Essa lógica social do dever, da obediência e do controle sobre o que o indivíduo deve fazer e pensar vigorou, segundo Dias (2021), entre meados do século XVIII até o final do século XX.

Embora os traços característicos dessa sociedade ainda sejam claramente notados hodiernamente, emerge no final do século XX uma nova dialética social denominada por Byung-Chul Han (2017) como Sociedade do Cansaço ou, ainda, Sociedade do Desempenho. Na interpretação deste autor, a sociedade contemporânea agora é marcada pela dialética da positividade, onde a sensação de liberdade individual é experimentada como nunca, permitindo que o sujeito defina seus caminhos pessoais e profissionais. Essa nova lógica da positividade preconiza que o sujeito é responsável por determinar seus próprios limites, incentivando uma auto coerção em busca de um ideal imaginário. O resultado dessa dinâmica é o esgotamento físico e mental, o que tem levado cada vez mais pessoas a serem diagnosticadas com problemas como Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), ansiedade, depressão, Síndrome de Burnout (SB), além de outras patologias graves (Dias, 2021; Han, 2017).

Esse giro comportamental encontra sua gênese e tônica na expansão do acesso cada vez mais amplo à internet. O sujeito contemporâneo agora é praticamente indissociável das telas digitais (smartphones, tablets, laptops, dentre outros) conectadas à internet, tornando tudo muito

dinâmico e instantâneo, mas também trazendo efeitos negativos para seus usuários (Jurkowski, 2019). A hiperconectividade, porém, nem sempre caminha ao lado da cautela e sensatez em relação ao mundo fantasioso alardeado nas redes sociais, nas páginas de *influencers* ou outras pessoas formadoras de opinião. Isso distorce as referências que o sujeito absorve e aumenta ainda mais a sua própria cobrança por desempenho.

Transversal às sociedades Disciplinar e do Cansaço, a profissão docente é uma das que mais tem sido impactada por essa transição (De Sousa; Teles, 2021; Habowski; Conte, 2018; Issler *et al.*, 2017; Paulon; Cedraz, 2017). O profissional docente da contemporaneidade passa por um processo de formação muito mais complexo do que seus pares nas décadas passadas até se consolidar profissionalmente em uma sala de aula (Boito Jr., 2002). A disputa cada vez mais acirrada por um emprego estável, por exemplo, faz com que os candidatos à uma vaga no serviço público em cargos de docência muitas vezes optem por conectar graduação, especialização, mestrado ou mesmo doutorado antes de começar a focar nos concursos. Além da formação acadêmica, cada item da prova de títulos é buscado com afinco, assim como a preparação para a prova didática, tornando maior e mais complexa a cobrança por desempenho. Como se não bastasse, o candidato deve dominar o uso de tecnologias e adotar técnicas de ensino (como metodologias ativas, por exemplo), para se destacar entre os concorrentes.

Eis que surge uma nova espécie: o *Homo lattes*, o sujeito que introjeta a busca incessante pelo desempenho nas questões acadêmicas para que possa, então, alcançar e permanecer em uma posição de destaque entre seus pares. Voltar o máximo de esforços possíveis para a formação é o resultado de uma combinação de concorrentes de alto desempenho e baixo número de vagas ofertadas por edital, amparadas por uma estrutura produtivista e burocrática (Martins, 2013). Na Sociedade do Cansaço, ter um currículo ornado com o máximo de conquistas é imperativo para quem deseja ser docente, já que não é possível saber de antemão qual o nível da concorrência. Vale ressaltar que a pressão da formação não se isola de outras pressões (muitas vezes não atendidas, mas sempre presentes) como a de dar atenção à família, a pressão de cuidar do corpo, a de ter vida social; antes pelo contrário, essas cobranças se sobrepõem de modo exigir uma pessoa multitarefas, que flerta com o esgotamento físico e mental (De Sousa; Teles, 2021; Paulon; Cedraz, 2018).

Essa cobrança excessiva na busca por superar a si próprio, denominada por Han (2017) como coação destrutiva, tem sido potencializada com a cultura digital (Habowski; Conte, 2018). Alguns estudos como Souza e Guimarães (2016) discutem os impactos da sociedade informational na identidade docente; Sousa, Macedo e Mélo (2020) e Villela e Timerman (2023) trazem uma análise relevante sobre os impactos dessa Sociedade do Cansaço na saúde física e mental;

Issler *et al.* (2017) fazem reflexões sobre o trabalho docente nessa nova cobrança por performance; Da Silva (2022), analisa a questão do ponto de vista dos estudantes, enquanto que Paulon e Cedraz (2018) argumentam sobre desistência e resistência na profissão docente contemporânea. Em outra linha, Jurkowski (2019) discute o “efeito tela”, as influências do acesso irrestrito à internet, na vida de jovens estudantes.

Embora relevantes, esses estudos ainda se mostram insuficientes para compreender a relação entre o uso contínuo de telas digitais e vida docente. Procurando ocupar esse nicho de pesquisa, nos prontificamos neste estudo a responder a seguinte questão de pesquisa: **Como as telas digitais influenciam o fazer docente de professores de Geografia sob a ótica da Sociedade do Cansaço?** Para tanto, definimos como objetivo geral analisar como as telas digitais influenciam docentes de Geografia sob a ótica da Sociedade do Cansaço. Gostaríamos de ir um pouco além ao buscar entender como se dá a formação do profissional docente de Geografia e que leitura os docentes de Geografia fazem da geração atual de discentes, sobretudo comparando com o contexto vivenciado à sua época enquanto discente. Para tanto, elencamos três objetivos específicos. O primeiro é diferenciar a Sociedade Disciplinar descrita por Michel Foucault da Sociedade do Cansaço, na ótica de Byung-Chul Han. O segundo, descrever criticamente a formação do docente até sua consolidação profissional e, por último, comparar o lado positivo com o lado negativo do uso cotidiano das telas digitais.

Assim, este estudo está estruturado da seguinte forma: Além desta Introdução, fizemos uma comparação entre a sociedade descrita por Michel Foucault com a sociedade contemporânea, defendida por Byung-Chul Han; em seguida, realizamos uma narrativa sobre o processo de formação de um professor, indo desde o momento em que se termina um curso de graduação até sua consolidação enquanto regente de sala, passando pelos pontos mais comuns enfrentados por profissionais da área. Na seção seguinte, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados, como a técnica de coleta e tratamento desses dados empíricos. Em seguida, elaboramos uma seção de Análise e Discussão dos resultados para, finalmente, terminarmos com a seção de Considerações Finais.

2 SOCIEDADE DISCIPLINAR X SOCIEDADE DO CANSAÇO

Embora a sociedade possa ser entendida como um corpo heterogêneo em constante modificação, é possível notar a partir do final do século passado uma ampla ruptura no que se refere ao modo de agir e pensar. Com a popularização do acesso à internet, a humanidade passou a desenvolver um mundo virtual em paralelo, onde bancos, escolas, lojas virtuais, páginas de

dicas de saúde e bem-estar, por exemplo, vêm competindo ou mesmo substituindo os serviços que outrora existiam apenas no mundo físico. Nesse novo mundo que se desdobra em ambiente virtual, as redes sociais ocupam espaço notável no cotidiano da maioria das pessoas, seja como fonte de informação, entretenimento ou referências estéticas ou comportamentais. Temos então duas leituras distintas da sociedade, uma Disciplinar e outra do Cansaço, cujo ponto de mutação é a popularização da internet e os desdobramentos de um mundo virtual.

A Sociedade Disciplinar descrita por Michel Foucault (1987) segmenta-se sobretudo nas relações de poder e controle exercida pelas instituições sociais, tais como prisões, hospitais, escolas, dentre outras. Sob a ameaça de sofrer punições, que foram se modificando sutilemente ao longo do tempo, o indivíduo teve seu comportamento moldado, regulado e normalizado sob o jugo de um controle social rígido. As tensões decorrentes dessa prática de poder remetem a uma dialética da negatividade, que é marcada pela proibição e privação da liberdade das pessoas em função de um convívio social mais harmônico (Foucault, 1987; 2012). Ao ter suas ações podadas e controladas, o sujeito típico da Sociedade Disciplinar descrita por Foucault experimenta uma crise de liberdade, que o coisificam e tendem a padronizá-los, buscando anular suas particularidades.

Para exemplificar o *modus operandi* das organizações disciplinares, tomemos o caso das fábricas e das escolas tradicionais. No primeiro caso, horários rígidos, produção em massa, roupas uniformizadas, manuais de procedimentos operacionais padrão, além de outras práticas, determinam o ritmo de trabalho e comportamento esperado do trabalhador. O não cumprimento de tais regras, culmina em demissão. Nas escolas tradicionais, o modelo de controle é bastante similar, mudando basicamente o que “se produz”: é preciso acumular conhecimento que será usado mais adiante, nos vestibulares e nas seleções de emprego. As carteiras enfileiradas, padronizadas, de menor tamanho e voltadas para uma tela (o quadro) confrontam uma mesa grande² e pesada, geralmente de madeira, tornando explícito por meios dos artefatos quem manda e quem obedece. Nas escolas, é preciso aprender e obedecer. O não cumprimento de tais regras, culmina em reprovação.

Para Han (2017), essa sociedade descrita por Foucault é uma sociedade imunológica, que produz reações com base na estranheza “do outro”. O medo se origina do diferente, do que está colocado como estranho aos nossos olhos, mesmo que não necessariamente se apresente como algo hostil. A disciplina impõe gera pessoas taxadas como fora da lei ou loucos, que devem ser contidos e isolados do convívio social. Entretanto, Han (2017) defende a ideia de

² Temos notado que as mesas dos docentes em sala de aula estão cada vez menores. Sinais de uma horizontalização do conhecimento e de uma hierarquia corroída?

que essa Sociedade Disciplinar já não mais condiz com a realidade contemporânea. Ao invés dessa, entra em cena a Sociedade do Cansaço, também chamada de Sociedade do Desempenho.

Na interpretação do autor, o estágio atual da sociedade se difere daquela descrita por Foucault pelo fato de ser caracterizada pela positividade ao invés da negatividade das gerações anteriores. Nessa perspectiva, o sujeito agora encontra a liberdade de agir, pensar e determinar seus caminhos sem, contudo, eliminar a cobrança por desempenho e produtividade. Esta cobrança agora é autoimposta, deslocando a origem da cobrança para o próprio sujeito sem, contudo, eliminar totalmente a concepção foucaultiana.

Na leitura de Dias (2021, p. 565), “vivemos numa época de velocidade e esgotamento, na qual o sistema de poder vigente valoriza indivíduos inquietos, hiperativos, que se arrastam no cotidiano produtivo, quase sempre bem-sucedidos e que executam inúmeras e variadas tarefas”. Essa relação entre liberdade e cobrança encontra força especialmente na cultura digital, onde a facilidade de se obter informações a qualquer momento e de ter contato com a vida de outras pessoas torna tudo muito mais dinâmico e acessível.

Contudo, algumas mudanças substanciais surgem em decorrência desse excesso de positividade típico dessa geração. A primeira delas é que os mecanismos de controle e exploração do indivíduo passa a ser endógeno, ou seja, ele passa a se explorar e cobrar por desempenho sem que haja a necessidade de uma força externa. Como bem ressalta Han (2017, p. 47), “nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos”. Em síntese, embora o sujeito tome algumas referências no outro, passa a concorrer consigo mesmo ao se cobrar metas que devem ser sempre revisadas na busca pela superação. Para De Sousa e Teles (2021), as pessoas dessa sociedade introjetam a lógica de que se não conseguiu alcançar algo, é porque não se dedicou o bastante. É importante ressaltar que muitas vezes as pessoas se valem de referências duvidosas, sobretudo no mundo inexato das redes sociais, onde o desempenho e a recompensa são cultuados em várias formas: na busca pelo corpo perfeito, no luxo do consumo, nas viagens dos sonhos, no modelo familiar perfeito, dentre outras.

Como a coação pelo desempenho força as pessoas a produzirem cada vez mais, uma outra mudança basilar na Sociedade do Desempenho é o aumento considerável das doenças neuronais (Han, 2017; Issler *et al.*, 2017). Depressão, transtornos de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), o Transtorno de Personalidade Limítrofe (TLP), a Síndrome de Burnout (SB) são patologias que passam a ser detectadas em pessoas de todas as

idades. A exaustão causada pela autoexploração tem sido responsável também pelo aumento do número de infartos (Han, 2017).

Por fim, uma terceira mudança crucial vem caracterizando a sociedade contemporânea: o aumento do uso de aparelhos eletrônicos conectados à internet. Sabemos que a internet trouxe avanços inegáveis na comunicação e difusão do conhecimento, porém existe um “lado B” no uso das telas, onde a sensação de liberdade virtual dialoga com os incessantes estímulos visuais que nos faz querer cada vez mais viver conectados (Jurkowski, 2019). Indo além, experimentamos cada vez mais a sensação de que o mundo virtual nos retira a paciência para atividades mais elaboradas e que as fragmentações dos estímulos passam a ser mais atraentes: não mais os vídeos longos, mas os “*shorts*” e “*reels*”; não mais os longos episódios de *podcasts*, mas os “cortes”; não mais as mensagens repassadas em textos longos, mas textos curtos com poucos caracteres. Sobre esse pensamento, Habowski e Conte (2018, p. 506) defendem a ideia de que:

Os estudantes, em meio ao instantâneo e à falta de repouso digital, optam por acessar mais gráficos e imagens do que textos (preferencialmente pequenos) e são instigados a uma hiperatividade em rede, buscando aleatoriamente (através de links), ao invés de sequências, preferem jogos *on-line* a trabalhos, possuem gosto pela manifestação unilateral de fazer a sua própria imersão numa absolutização de um mundo deslumbrado pelas tecnologias.

Embora esses problemas sejam transversais a praticamente toda a sociedade, profissionais da área de educação parece ter tido uma dupla influência desses dispositivos e seus impactos, uma vez que tanto docentes quanto discentes estão sujeitos às premissas das telas da Sociedade do Cansaço.

3 “HOMO LATTES”: DILEMAS ENTRE AS TELAS ANALÓGICAS E AS TELAS DIGITAIS

Como sugerem Habowski e Conte (2018), o docente enfrenta hoje uma crise da autoridade na cultura digital. Até meados dos anos 1960, a profissão docente gozava de bons salários, maior estabilidade (inclusive na iniciativa privada), mesmo havendo pouca adesão da categoria aos movimentos sindicais, segurança material e, mais ainda, experimentava uma admiração pela sociedade, (Boito Jr., 2002; Souza *et al.*, 2003). Nas duas últimas décadas essa realidade tem se mostrado bastante diferente.

Gostaríamos de começar essa análise destacando que uma das características mais comuns da carreira docente é o fato de que sua preparação demanda muito mais tempo e

dedicação do que a maioria das outras áreas. Embora todo bom profissional precise de tempo para se consolidar em sua área de atuação, a preparação docente apresenta peculiaridades que aumentam seu grau de dificuldade e tempo de prontidão. Assim, para compreender melhor a questão docente, faremos uma divisão do tipo antes e depois do que chamaremos de “ponto zero” da docência, entendido aqui como o momento em que uma pessoa assume a regência de uma sala de aula pela primeira vez profissionalmente (por contrato avulso, pela Consolidação das Leis do Trabalho, como estatuário ou qualquer outra forma de vínculo que lhe permita trabalhar em sala de aula).

Antes que possa assumir o que chamaremos aqui de tela analógica (um quadro branco ou outro artefato usado com a mesma finalidade em sala de aula), o primeiro passo é a conclusão de um curso de nível superior. Embora seja desnecessário lembrar que a preparação para o ingresso em uma universidade faça parte do processo (como os cursinhos intensivos, os vestibulares e provas de ingresso, dentre outras etapas), é importante mencionar que algumas profissões ou cargos podem ser ocupados sem a exigência de um diploma de nível superior. Alguns desses postos de trabalho, inclusive, podem até mesmo remunerar mais do que a média paga para um professor (como em alguns concursos públicos, por exemplo).

Concluída a graduação, alguns candidatos à docência optam por ingressar na iniciativa privada, outros procuram fazer concursos para professor do estado ou das prefeituras, focando na educação básica. Aqui temos um novo divisor de águas, se não um dilema: ingressar logo na iniciativa privada e flertar com as incertezas futuras ou se preparar para ter um bom desempenho em um concurso público? Embora alguns possam optar por estudar para concurso enquanto trabalha na iniciativa privada (ganhando um salário e pontos nas etapas de análise de currículo), uma parte dos futuros docentes decide continuar sua formação de modo concomitante ao trabalho e aos estudos para concursos. Paulon e Cedraz (2020, p. 406) ao refletirem sobre o cotidiano docente na educação superior lembram que “na busca de uma garantia para morrer bem, tenho de seguir adquirindo conhecimentos e habilidades que façam de mim um talento de empregabilidade inquestionável, tenho de seguir empreendendo, preciso fazer de mim o mais atraente dos produtos”.

Seguindo agora os passos daquelas pessoas que continuam sua formação, temos mais dois anos de especialização, mais dois de mestrado e mais quatro de doutorado, somando aí oito anos de formação para além da graduação (isso sem contar os hiatos entre término de um curso e ingresso no outro). Essa formação extensiva tem se tornado condição *sine qua non* para se inscrever nos concursos públicos para professor universitário, com editais cada vez mais exigentes. Essa trajetória nem sempre é linear e serena, pois, como se trata de uma apostila

profissional de risco, é preciso estar sempre atento às formas de se conseguir aumentar sua competitividade. Issler *et al.* (2017, p. 92) enfatizam que “o custo pessoal e psicológico de entrar e permanecer nesse circuito de desempenho não é somente simbólico na sociedade performativa, seu quântico excessivo é avassalador”.

A pessoa graduada passa então a compor uma nova espécie: o *Homo lattes*, expressão usada como anedota nos corredores acadêmicos e nos salões de congressos para se referir àqueles pessoas que vivem pela produtividade no meio acadêmico (Martins, 2013). É preciso cultivar o currículo pois cada ponto ganho pode ser crucial para a tão sonhada aprovação. A diferença entre eliminados, aprovados no cadastro de reserva e aprovado dentro do quadro de vagas é tão pequena, que não resta outra opção a não ser extrair o máximo de si. Livros, capítulos de livros, artigos em eventos, artigos em revistas indexadas, organização de eventos, experiência didática em cursos de graduação e pós-graduação e um sem-fim de itens pontuáveis. A cobrança pelo máximo desempenho encontra-se internalizada no sujeito e a formação docente passa a caminhar lado a lado com o cansaço e com o esgotamento físico e mental.

De Sousa e Teles (2021) defendem que esse fardo é ainda maior para as mulheres:

Nesse contexto, segundo nossa análise, o professor se vê demandado em diferentes frentes, principalmente a categoria feminina, majoritária no campo da educação, que além das ações educativas, continua sendo excessivamente sobrecarregada no contexto doméstico em desequilíbrio latente de uma sociedade ainda muito centrada na importância masculina e no desprezo do feminino. Aquela professora que resolve todas as demandas que lhe são entregues, atende uma chamada no aplicativo de mensagens instantâneas do celular, ao mesmo tempo que responde um e-mail de pai cobrando uma atenção especial junto à filha. E que em seguida está postando um conteúdo novo no ambiente virtual de aprendizagem, além de preparar a refeição e estar atenta aos pedidos dos filhos menores (De Sousa; Teles, 2021, p. 83).

Considerando agora que o concursado consiga ser nomeado para uma vaga como professor em uma universidade pública, na educação básica (nas prefeituras ou no Estado) ou que opte por seguir carreira na iniciativa privada, ao contrário do que se poderia imaginar, a cobrança por desempenho não cessa. Assumir o controle das “telas analógicas” das salas de aula não anula sua condição de *Homo lattes*. As escolas e universidades não se isentam de cobrar produção de seus docentes, pois é preciso estar atendo às avaliações e ranqueamentos que supostamente endossam a qualidade do ensino. Issler *et al.* (2017, p. 92) fazem uma leitura pertinente dessa rotina:

O excesso de atividade extraclasse, por sua vez, tem interferido na saúde do professor provocando assim seu desgaste psíquico e físico [...] este acúmulo de funções, para além da sala de aula, tais como reuniões, atendimento aos pais, atividades burocráticas, registro de frequência, preenchimento de diários de classe, etc., tem contribuído

significativamente para a falta de tempo dos professores, obrigando-os a realizarem estas atividades na maioria das vezes em seu domicílio.

Para os docentes ligados aos programas de pós-graduação, acrescenta-se também a conhecida cobrança do “publicar ou perecer” (Motta-Roth; Hedges, 2010, Martins, 2013), que assombra a todos sujeitos às coletas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Cabral e Lazzarini (2020, p. 541), concluem em sua crítica que “se, por um lado, o sistema de avaliação baseado em desempenho contribuiu para o desenvolvimento dos programas de pós-graduação brasileiros, por outro, gera efeitos adversos, não pela sua existência em si, mas pela maneira como os instrumentos de avaliação estão calibrados”.

Deste modo se caracteriza a profissão docente na Sociedade do Cansaço, que Paulon e Cedraz (2020, p. 403) descrevem em tom quase poético: “[...] a forma-atriz traduz os contornos de uma professora que acabara de preparar seu corpo esgotado para nele fazer brotar o *corpo docente*, personagem que cadencia em sua fala a voz de um coletivo que resiste”.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção descreve e caracteriza os percursos metodológicos adotados para satisfazer à proposta de pesquisa deste estudo. Optamos por fazer uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. Nós a classificamos como exploratória pelo fato de investigar um fenômeno social ainda não totalmente elucidado e descritiva pelo intuito de classificar de modo narrativo os principais achados e seus possíveis desdobramentos para a questão docente.

Segundo Neves (1996), a pesquisa qualitativa descreve e decodifica sistemas complexos de significados por meio de diferentes técnicas interpretativas, dando sentido aos fenômenos sociais. Buscamos com ela acessar nuances subjetivas capazes de descrever aspectos nem sempre quantificáveis de questões sociais, como a relação entre profissionais e tecnologia.

Para isso, nos valemos de coleta de dados com fontes primárias por meio de entrevistas semiestruturadas aplicadas a docentes de Geografia, atuando no Ensino Fundamental, Médio, Técnico e/ou Superior. A maior parte da coleta se deu de forma remota com auxílio da plataforma Google Meet®, permitindo maior abrangência geográfica dos respondentes. Ademais, todas as entrevistas foram gravadas com auxílio do aplicativo Active Presenter®, ambos de uso gratuito.

Ao longo das entrevistas, que buscamos passar por alguns pontos obrigatórios para satisfazer à questão de pesquisa, como a descrição da relação entre pessoa entrevistada com o

smartphone no cotidiano, ao mesmo tempo em que procuramos desenvolver mais o assunto quando alguma informação nova surgia. Procedemos com três pautas basilares, começando sobre as questões ligadas à formação da pessoa entrevistada, buscando resgatar suas memórias no que se refere às dificuldades enfrentadas no processo, o momento em que decidiu ser docente e seus primeiros passos na regência de sala. Em seguida, procuramos desenvolver aspectos relacionados com suas práticas pedagógicas e recursos didáticos, buscando identificar o uso de telas digitais e telas analógicas. Uma terceira pauta se refere à percepção das pessoas entrevistadas quanto aos aspectos comportamentais dos alunos e seus próprios em relação no que diz respeito ao uso de aparelhos eletrônicos e suas consequências. Conduzimos as entrevistas em um tom menos formal na tentativa de contornar possíveis desconfortos por parte da pessoa entrevistada, tentando acessar informações que possivelmente ficariam ocultas em abordagens mais engessadas.

No que se refere aos respondentes, começamos pelo critério de acessibilidade nas primeiras pessoas entrevistadas e nos valemos da estratégia *snowball sampling*, para ir alcançando novos respondentes de modo exponencial (Vinuto, 2014). Como sugerem Handcock e Gile (2011), o termo bola de neve pode ter características distintas para cada pesquisador, de modo que é preciso descrever como ela foi operacionalizada em cada caso. Nesta pesquisa, entendemos como bola de neve aquela estratégia de solicitar indicação novos respondentes para cada pessoa entrevistada, normalmente ao final de cada entrevista, aumentando a coleta empírica. Uma das vantagens da amostragem do tipo bola de neve é que cada pessoa indicada tem praticamente cem porcento de chance de pertencer ao universo de interesse, já que a indicação é oriunda de quem já está familiarizado com o que se busca na pesquisa. Para determinar o momento de encerrar a coleta, seguimos o critério de saturação defendido por Thiry-Cherques (2009), que orienta que a saturação ocorre quando as entrevistas já não mais trazem dados novos relevantes.

Na presente pesquisa, a partir do nono respondente já era possível notar repetição de relatos, então decidimos coletar mais uma entrevista para confirmar essa percepção, o que nos levou a um total de 10 respondentes. Esses respondentes se dividem geograficamente quatro estados, sendo eles Amazonas (1 respondente), Ceará (3 respondentes), Minas Gerais (1 respondente), Paraíba (1 respondente) e Piauí (4 respondentes). Quanto à sua titulação, foram distribuídos em especialista (1 respondente), mestrado (5 respondentes) e doutorado (4 respondentes), destacando que três respondentes estão cursando doutorado no momento da coleta. Quanto ao seu nível de atuação, dois respondentes atuam no Ensino Fundamental (anos finais), três atual no Ensino Médio (regular e/ou técnico), quatro respondentes atuam no Ensino Superior e

um outro respondente atua simultaneamente no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior. Já em relação às formas de vínculo institucional, quatro respondentes são substitutos por contrato de trabalho ou Consolidação das Leis de Trabalho, cinco são servidores estatutários e um outro respondente possui tanto vínculo como estatutário quanto contrato de prestação de serviços. Todos os respondentes são docentes da rede pública de ensino na modalidade presencial, mas oito deles já trabalharam na iniciativa privada no passado.

Por fim, como forma de análise, utilizamos como técnica a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Transcrevemos os principais trechos das entrevistas e os agrupamos com base em categorias conceituais a partir de suas similaridades. Essas categorias foram criadas *ex-post*, ou seja, não foram pré-determinadas de forma rígida e impositiva, mas organizadas em relação à sua quantidade e a seus nomes conforme fossem sendo analisados os trechos considerados mais relevantes com base na literatura adotada. Ao todo, foram criadas oito categorias: Percalços da formação e atuação profissional; Lados A e/ou B das telas digitais; Hiperconnectividade; Auto coerção; Doença neurais; Características da geração atual de estudantes; Recursos pedagógicos e; Docência contemporânea.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao todo, foram coletadas dez entrevistas, que totalizaram sete horas, cinquenta e quatro minutos e quarenta e nove segundos de material gravado, que foram analisados e organizados na forma de relatos construídos com o auxílio de um quadro de síntese. Para preservar o nome dos respondentes, foi atribuído de modo aleatório os nomes R1, R2, R3 e assim sucessivamente. Para fins de compreensão e contextualização das falas, caracterizamos os respondentes da seguinte forma: R1 (mestrado, atua no Ensino Médio (regular e técnico), substituto(a) contratado(a) no estado do Piauí); R2 (doutorado, atua no Ensino Médio (regular e técnico), servidor(a) estatutário(a) no estado do Ceará); R3 (mestrado, atua em todos os níveis de educação em Geografia, é estatutário(a) e possui um outro vínculo via contrato de prestação de serviços), R4 (doutorado, atua no nível superior, servidor(a) estatutário(a) no estado do Amazonas); R5 (especialização, atua no Ensino Fundamental (anos finais), servidor estatutário no estado do Ceará); R6 (doutorado, atua no Ensino Superior, servidor(a) estatutário(a) no estado do Piauí); R7 (mestrado, atua no Ensino Fundamental (anos finais), servidor(a) estatutário(a) no estado do Ceará); R8 (doutorado, atua no Ensino Superior, servidor(a) substituto(a) contratado(a) pela CLT no estado da Paraíba); R9 (mestrado, atua no Ensino Superior, servidor(a) substituto (a) com contrato de prestação de serviço no estado do Piauí) e; R10 (mestrado, atua

no Ensino Médio (regular e técnico), substituto (a) com contrato de trabalho no estado do Piauí). Um quadro sintetizando a caracterização dos respondentes é apresentado a seguir:

Quadro 1 – Caracterização do corpo docente de Geografia entrevistado:

Respondente	Escolaridade	Atuação	Regime de Contrato	UF
R1	mestrado	Ensino Médio	substituto contratado	Piauí
R2	doutorado	Ensino Médio	estatutário	Ceará
R3	mestrado	Todos os níveis	estatutário	Minas Gerais
R4	doutorado	Ensino Superior	estatutário	Amazonas
R5	Especialização	Ensino Fundamental	estatutário	Ceará
R6	doutorado	Ensino Superior	estatutário	Piauí
R7	mestrado	Ensino Fundamental	estatutário	Ceará
R8	doutorado	Ensino Superior	substituto contratado	Paraíba
R9	mestrado	Ensino Superior	substituto contratado	Piauí
R10	mestrado	Ensino Médio	substituto contratado	Piauí

Fonte: Elaboração própria.

Após a organização desse material coletado foi possível chegar a oito categorias conceituais que fazem referência à literatura utilizada no estudo: Percalços da formação e atuação profissional, Lados A e/ou B das Telas Digitais, Hiperconectividade, Auto Coerção, Doenças Neuronais, Características da Geração Atual dos Estudantes, Recursos Pedagógicos e Docência Contemporânea.

Denominada de **Percalços da formação e atuação profissional**, a primeira categoria faz menção aos percalços da formação docente e que muitas vezes também se confunde com a formação de pesquisadores. Observamos que muitos dos respondentes faziam menção ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) como primeiro contato com a formação, o que denota um ponto importante em comum para a formação de professores e pesquisadores já desde a graduação.

Embora as experiências nos PIBIDs e PIBICs tenham sido positivas, não foram incomuns os relatos de pressão por desempenho, notadamente intensificadas após a admissão em um curso de mestrado. Cabral e Lazzarini (2011) dissertam sobre a pressão por internacionalização observada nos cursos de pós-graduação no Brasil, alertando para a pouca relação entre quantidade e qualidade, o que permite refletir que muitas vezes essa pressão sofrida pelos docentes é repassada para os mestrandos e doutorandos, ainda mais intensa quando estes recebem bolsas de estudos.

Podemos fazer uma relação com Paulon e Cedraz (2020) quando em suas reflexões abordam as questões de resistência docente. Os dilemas existenciais apresentados pelas autoras se fazem presentes nos relatos dos entrevistados, quando refletem sobre os vários questionamentos que se faziam durante suas formações: desistir ou resistir? O Quadro 2 apresenta alguns relatos extraídos das falas das pessoas entrevistadas.

Quadro 2 – Relatos dos professores sobre os percalços da formação e atuação profissional

Docentes respondentes	Respostas
R1	“eu já queria ser professora na graduação”.
R2	<p>“hoje eu sou professor efetivo e tenho vários colegas que estão ganhando, com licença com vencimento tendo a tranquilidade de ter seu salário no fim do mês que o estado do Ceará não paga ruim de forma alguma e sabendo que quando terminar volta para o trabalho que não vai ter nenhum problema, então eu teria feito diferente”.</p> <p>“eu entendo que hoje os concursos são diferentes, que a concorrência, a titulação hoje em dia é um fator que me tira do certame mas lá naquela época não era tanto, existia mas não era tanto. Então eu acho que teria ido por outro caminho, teria me estabilizado financeiramente para depois tranquilamente (fala pausadamente) falando... eu acho que poderia ter aproveitado mais ter feito sei lá viajado para participar de coisas, ter feito um doutorado sanduíche [...]”.</p>
	“[...] quando se é bolsista tem uma pressão muito grande de publicação, se você não cumprir certos requisitos você perde aquele auxílio e isso direta ou indiretamente prejudica no bom e no mal sentido, prejudica no bom porque te estimula e no mal sentido porque você fica pressionado, prazos a cumprir, qualificação tem que ser no tempo, defesa tem que ser no tempo e coisas acontecem, a gente não vive para a academia, a gente vive a vida humana que a academia faz parte dela e não é a sua totalidade”.
	“[...] o meu programa é um tal de 7, não 6, e tudo isso que dizem de um programa CAPES 6 é real, há uma pressão muito grande [...] eu acho que eu fiquei muito...eu só falava sobre isso...eu sempre conversava sobre isso, então eu acho que eu me consumi muito em razão de uma pressão que eu tinha que ter, porque eu estava longe da minha família, Curitiba não é uma cidade barata e eu tinha que me prover, então eu não podia deixar de ser um bolsista exemplar”.
R3	“na própria universidade eu atuei em monitorias, em iniciação científica, em projetos de extensão”.
	“durante a graduação eu fui PIBID durante quase dois anos fazendo atividade em duas escolas de educação básica lá em Teresina e essa formação...porque eu entrei querendo ser professor de Geografia só que de cara

R4	<p>eu fiquei apaixonado vamos dizer assim com as disciplinas mais duras, entre aspas a Geologia, a Geomorfologia e o ‘eu professor’ deu espaço para o ‘eu pesquisador’ então passei a ficar mais técnico, então para que ficar mais didático, para que pensar metodologia de ensino e o PIBID fez me reencontrar com essa vontade de ser professor porque eu cai de paraquedas em uma turma de 6º ano do ensino fundamental aí sim que eu voltei aquele sonho anterior”.</p> <p>“durante o mestrado eu passei em um seletivo para uma universidade estatal, fiquei lá dois anos trabalhando com disciplinas de ensino é... eu fiz um seletivo para outra universidade e durante esse seletivo eu fiz um concurso tanto para a SEDUC que fui aprovado mas não assumi quanto uma concursa no Amazonas”.</p>
R5	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R6	<p>“desde o segundo semestre da graduação eu já percebi que eu queria ser professor universitário, professor pesquisador e eu comecei a construir desde muito cedo a minha...o meu currículo para isso, para chegar a ser professor universitário”.</p> <p>“no terceiro semestre eu fiquei próximo do professor de geomorfologia e a gente começou a montar projetos de pesquisas voluntários sem nenhuma bolsa, eu só fui ser bolsista no sexto semestre em um projeto de pedologia, mas eu percebo que a formação do meu currículo foi muito gradual, desde o começo o primeiro evento que eu fui foi um evento de estudantes, depois um evento nacional [...]”.</p>
R7	<p>“eu cheguei a trabalhar em quatro escolas uma em cada bairro e quando eu ganhei a bolsa ela cobriu muito da minha renda, daí eu fui me dedicar à pesquisa [...] aí depois eu me casei, minha esposa teve filhos e a trajetória acadêmica foi ficando em segundo plano”.</p>
R8	<p>“às vezes as demandas estavam grandes, acordava cedo, tomava um energético para manter-se acordada de noite para poder dar conta da demanda, mas assim, por escolha não por pressão de alguém dizendo faça ou porque o mundo era produtivista e você precisa ser produtivista [...] isso foi depois do mestrado”.</p> <p>“às vezes as demandas estavam grandes, acordava cedo, tomava um energético para manter-se acordada de noite para poder dar conta da demanda, mas assim, por escolha não por pressão de alguém dizendo faça ou porque o mundo era produtivista e você precisa ser produtivista [...] isso foi depois do mestrado”.</p> <p>“no final do doutorado eu passei por uma pressão que era uma publicação internacional e eu até consegui algumas revistas que eu achei melhor para tentar, só que um dos supervisores nada tava bom então nesse contexto eu fiz e refiz, aí a gente conseguiu na época financiamento para traduzir para outra língua” (R8)</p>
	<p>“desde a graduação eu venho estudando para concurso, eu fiz o meu mestrado e não deu para eu estudar tanto quanto eu queria e agora no doutorado com essa bolsa é a primeira vez que eu estou com bolsa porque eu sempre trabalhei e estudei”.</p>

R9	<p>“trezentos reais de PIBID/PIBIC não era muita coisa, não dava para ajudar também em casa, né? Então agora que eu vou ficar só estudando”</p> <p>“chegava na aula cansada porque trabalhava em supermercado e depois em call center e aí eu pensava agora vou estudar para concurso, então desde a graduação eu estudava para concurso então já fiz para a polícia militar do Maranhão, polícia militar do Piauí aí veio de novo uma crise de ansiedade de preocupação depois eu comecei a ministrar aula, já na graduação em escolas privadas”.</p> <p>“as escolas privadas mexeram muito com a minha cabeça, muitas cobranças, cobranças excessivas, desnecessárias às vezes e veio de novo a minha cobrança”.</p>
R10	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

O segundo eixo temático traz relatos das consequências do uso dos aparelhos eletrônicos conectados à internet, seja no seu lado considerado positivo quanto no que se refere aos seus efeitos nocivos, aqui denominados **Lados A e/ou B das telas**. Foram agrupados nessa categoria as questões ligadas aos docentes e aos discentes.

A sensação de liberdade na internet descrita por Jurkowski (2019) pode levar a caminhos diversos dependendo do uso que se faz desses aparelhos. Do Lado A das telas, é possível levar a um aumento da aprendizagem e da interação dos alunos, melhorando sua assimilação de conteúdo. Isso fica mais evidente quando se conecta com a categoria **Características da geração atual de estudantes**, que traz relatos de dificuldades de aprendizagem nos últimos anos. Por outro lado, as telas digitais podem trazer problemas, como por exemplo a contribuição para a baixa capacidade crítica dos alunos.

Todos os entrevistados que lecionam na educação fundamental foram enfáticos ao afirmar que precisam estar constantemente monitorando os alunos para que não desviem o foco, sendo predominante a expressão “falta de maturidade” ao se referir aos alunos de sexto ao nono ano. Não foi possível ser maniqueísta quanto ao peso do chamado Lado A e/ou Lado B das telas digitais, pois as falas dos entrevistados variaram bastante. Há de se considerar que em alguns casos há uma contradição entre leis que proíbem o uso tablets e celulares em sala de aula com a sugestão de pesquisas na internet feita pelo material didático das escolas públicas. O Quadro 3 busca sintetizar os principais trechos coletados nesse quesito.

Quadro 3 – Relatos dos professores sobre os Lados A e/ou B das telas digitais

Docentes	Respostas
----------	-----------

Respondentes	
R1	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R2	“mas eu também penso que o uso de aparelhos eletroeletrônicos eles podem ser benéficos ou maléficos, dependendo da forma como se utiliza e hoje em dia você utiliza o celular, por exemplo, tem que ter uma mediação didática muito planejada para que não seja disperso, então eu elaboro muito jogos interativos, ou então gamificação de slides [...]”.
R3	“não permito o uso de celular pelos alunos do ensino fundamental pois eles não têm maturidade”.
R4	“mas sempre que possível eu tenho usado o celular para ler alguma coisa diferente, para ler uma crônica curta, notícia de jornal, para tentar sair um pouco dessa literatura específica da área”.
R5	“a escola criou os grupos das salas de aula e a gente vai lá quando precisa e interage com eles, isso ficou muito mais forte com a pandemia, a pandemia foi um divisor de águas”.
R6	“principalmente no que diz respeito ao aparelho de celular, os smartphones, em vez de se tornar um aliado para eles ele acaba se tornando um empecilho para a aprendizagem deles, porque existe aqui uma lei estadual que proíbe o uso de smartphones em sala de aula”. “a minha geração não teve acesso a esses equipamentos modernos, não havia internet, não havia redes sociais, então assim o exercício da escrita e da oratória era feita daquela maneira mesmo, era só livro e texto e você escrever e hoje com o advento dessas tecnologias que servem para estudar, claro, mas sendo usado de maneira errada acaba prejudicando”.
R7	“tem esse potencial, mas às vezes ele é utilizado de uma forma que não é interessante, por exemplo, na minha época a gente escrevia e hoje os alunos tiram foto do quadro, tiram fotos dos slides, isso acaba sendo uma forma de diminuir um pouco até a capacidade de absorção daquele conhecimento, porque você escrever é algo que... a maior parte dos alunos chega na aula nem abre o caderno, algo que é relativamente impensável na época que eu fazia graduação, então isso é um ponto negativo. Entretanto, outros pontos como a questão de...eu passo o meu whats app para meus alunos para a gente ter uma comunicação, algumas dúvidas surgem, para a gente ter esse contato mais próximo, mas se for falar entre positivo e negativo, se tiver que escolher entre um dos dois eu acho que é mais negativo do que positivo porque apesar de ter um potencial pedagógico, esse potencial não é utilizado em sua amplitude”. “e existe algumas redes sociais específicas que têm diminuído a capacidade crítica dos alunos e até a capacidade de concentração, no sentido de que tudo é tão rápido, Tik Tok da vida, tudo tão rápido que não se consegue ler um enunciado mais longo, não conseguem ler um texto mais longo, é tudo muito difícil para eles dentro desse aspecto”.
	“os smartphones são um grande problema para as famílias e para a escola, os alunos eles entram madrugada adentro assistindo o que bem entendem, sem o filtro do adulto, sem o filtro do professor e, portanto, ele fica acessando coisas que não devem, chegam na escola cansados e com sono muitos que estudam de manhã não conseguem se concentrar nem ficar

	acordados, alguns são matriculados à tarde porque passam a manhã dormindo porque passaram a madrugada acordado”. “eles não têm um senso de radar para separar para saber, para diferenciar e canalizar e perceber que determinados conteúdos não são adequados”.
R9	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R10	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Nossas ações na rede mundial de computadores deixam pegadas digitais (Jurkowski, 2019) que podem ser entendidas como uma forma de dizer ao mundo que nós existimos, que estamos vivos. Hoje em dia, não possuir redes sociais ou aplicativos de comunicação como o WhatsApp parece ser algo impensável pela maioria da população. Seus excessos, porém, não passaram despercebidos na vida dos entrevistados. Isso nos levou a uma terceira categoria de falas, denominada **Hiperconectividade**, como visto no quadro a seguir:

Quadro 4 – Relatos dos professores sobre a Hiperconectividade

Docentes Respondentes	Respostas
R1	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R2	“o celular tá tipo travado aí você clica assim com o dedo só para ver se tem alguma mensagem involuntariamente, eu tinha isso e hoje em dia não, hoje em dia não tenho mais essa atitude, eu não sei o porquê, não sei se foi porque no período da pandemia era só notícia de tragédia, notícia de morte, de perdas, aí era muita mensagem assim, né? Bombardeando de vários lugares do mundo e a gente já estava naquela situação, longe de casa [...]”. “antes da pandemia eu era uma pessoa mais viciada no celular, depois que passou a pandemia eu me tornei uma pessoa muito menos... muito mais <i>low profile</i> ”.
R3	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R4	“já acordo com o celular despertando, já entro em sites de notícias, vou para a academia com ele ligado, faço tudo ligado com ele, na academia treinando eu respondo mensagens de alunos, inclusive agora está cheio de mensagens, estão chegando aqui, literalmente eu só paro de usar o smartphone quando estou dormindo, até durante as refeições estou utilizando”. “atrapalha o sono, a gente tem a mania de deitar na cama, olha o celular e quando a pessoa percebe passou uma hora, duas horas e o sono vai embora e quando tenta dormir não consegue [...] eu tento tirar aquelas notificações de redes sociais mas eu não consigo, eu sempre acho que vai ter uma notificação urgente e eu vou ter que atender aquela notificação urgente, ou mesmo de madrugada no grupo de professores isso afeta o sono, mas eu não desativo as notificações”.

	“e aqui tem um detalhe, aqui chove muito, é cidade de interior, a energia é por termelétrica e sempre tem apagões, sempre falta energia e está todo mundo acelerado usando o celular e do nada a energia vai embora, a internet vai embora e a gente fica...é eu vou ter que aparecer na varanda de casa e isso é geral, eu moro aqui no centro e quando falta energia todo mundo vai para a sua varanda e quando volta todo mundo grita e volta pra dentro de casa”.
R5	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R6	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R7	“as tecnologias estão à disposição deles mas são conteúdos fúteis, efêmeros, rápidos, como o próprio Tik Tok que a China produziu e proibiu eles percebem que são mensagens rápidas, instantâneas, muitas vezes tendenciosas”.
R8	“o uso do celular é um problema em qualquer nível, na escola que eu trabalhava na educação básica era permitido e era o principal problema em sala de aula porque criança não sabe usar adequadamente, principalmente no sexto ano, porque em uma sala de sexto ano todo mundo vai estar com o celular, isso para mim não tem lógica. “no ensino superior são, em hipótese, adultos, então estão ali porque escolleram, porque querem aprender, no entanto, o uso de celular por alguns, independente da turma ter uma boa parte, na minha perspectiva é em excesso...ou o celular está no braço da carteira ou está na mão o tempo inteiro, tem até momentos que parece que é grudado.”
R9	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R10	“com relação às redes sociais eu fico conectada o dia todo, vendo tanto as redes sociais quanto notícias, porque existe aparentemente uma certa demanda para que você esteja conectada o tempo todo, ainda que essa demanda não seja de fato uma conexão verdadeira com pessoas, seja só mesmo para você estar ali se mantendo informado e muitas vezes você tem acesso a muita informação e pouco conhecimento”. “geralmente os alunos têm o meu contato...às vezes eu nem passo, mas um tem aí vai passando para o outro, então no que diz respeito ao whats app os alunos me mandam mensagens, aí tem aqueles alunos que não sabem filtrar o horário de enviar mensagem”.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Embora seja fácil constatar que a hiperconectividade tem se tornado uma constante na vida das pessoas, é difícil precisar quais os fatores que levam a esse tipo de comportamento. Muitos poderiam alegar que é uma necessidade profissional ou que precisam estar conectados com parentes que moram distantes, mas será que há algo mais profundo e sutil por trás dessas alegações? Será que não estamos ocultando uma solidão no mundo real?

As consequências dessa hiperconectividade podem ser percebidas por professores e por estudantes. Embora algumas falas remetam à pouca maturidade no uso das telas digitais

por parte de jovens da Educação Básica, não há nenhuma garantia de que os adultos também saibam fazer o uso correto desses artefatos. Han (2017) lembra que o excesso de positividade alardeado no mundo digital traz consequências diversas, o que nos leva a dois eixos temáticos: Auto coerção (categoria 4) e doenças neuronais (categoria 5).

A **Auto coerção** é a internalização da cobrança e dos moldes de atitudes. É o que distingue a Sociedade Disciplinar foucaultiana (1987; 2012) da Sociedade do Cansaço (Han, 2017). Avolumam-se os relatos de pressão imposta pela própria pessoa, sabendo que existe uma competitividade acirrada no meio acadêmico pelas disputadas vagas em concursos públicos para docente. Essa pressão voluntária tem sido percebida cada vez mais precocemente, comprometendo a qualidade da formação em nível de graduação e colaborando para o aumento de doenças neuronais. O Quadro 5 resume os relatos de auto coerção encontrados nas pessoas entrevistadas nessa pesquisa:

Quadro 5 – Relatos dos professores sobre a Auto Coerção

Docentes Respondentes	Respostas
R1	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R2	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R3	“então toda a minha vida acadêmica foi pensada no futuro para seguir a carreira acadêmica pensando também em construir o currículo Lattes desde o primeiro ou o segundo período do curso eu já sabia por onde seguir para chegar a uma boa formação profissional, tanto é que eu brincava dizendo que antes de definir meu tema de TCC eu já sabia o que queria estudar no doutorado”. “tinha metas, tipo ah! Eu tenho que terminar a graduação até tanto tempo, fazer a especialização, fazer o mestrado, fazer o doutorado até tanto tempo, até a idade correta”.
R4	“as metas que eu estipulava era totalmente individual, eu tive um orientador na graduação que ele sempre me instigava, ‘o que você quer estar fazendo daqui há cinco anos, daqui há dez anos?’ Aí eu falava e ele ‘então você tem que fazer isso’. Então durante a graduação eu sempre me lancei para tentar o mestrado porque o foco era ser professor universitário, aí eu fui ser professor substituto, aí a meta foi ser efetivado, agora a meta é passar em uma universidade no Nordeste”.
R5	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R6	“vieram os frutos do mestrado e eu comecei a publicar, eu publiquei muito.... o que eu tinha da tese para publicar já está publicado e agora eu estou precisando começar novas pesquisas no caso”. “meu tcc foi publicado em uma revista que é A1”.
R7	“eu estudava muito para dar aula porque eu queria que os alunos tivessem a impressão que eu sabia do conteúdo com muita propriedade, eu achava

	que o interesse deles aumentaria se eu tivesse domínio amplo e pleno do tema”.
R8	“mas eu tento ser regrada, eu acho que por tentar ser regrada em algumas coisas, por definir prazos e estabelecer metas, é uma forma de eu ter controle”.
R9	“eu trabalho com metas, por exemplo, eu como concursa e acadêmica estou sempre com quadro de horários, com cronograma, né?”. “nesses dois anos de pandemia também, sem concurso também, eu não foquei. Talvez se eu tivesse focado desde o início eu já tinha entrado, já estava concursada... e agora, está com mais ou menos um ano e meio, dois anos que eu voltei a estudar, mas também com essa preocupação... ah eu já tenho tantos anos, ah eu tenho que ter estabilidade e não são cobranças da família não, são cobranças minhas mesmas”.
R10	“passei por pressão no período do mestrado, não que houvesse uma cobrança dos professores, mas a cobrança era pessoal e talvez, talvez não essa é a pior cobrança [...] quando você se autocobra, como é que você vai fugir de você mesmo?”.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Praticamente todas as pessoas entrevistadas afirmaram ter conhecimento (ou mesmo vivenciado) problemas de saúde mental entre os pares ou estudantes, o que nos levou à criação da categoria **Doenças neuronais**. Han (2017) argumenta que esse é um dos traços característicos da Sociedade do Desempenho, o que foi devidamente corroborado empiricamente nesta pesquisa. Como é possível notar nos trechos recortados (vide Quadro 6), professores e estudantes compartilham de problemas como ansiedade, Síndrome de Burnout (SB), depressão, dentre outros. Isso tem levado a um número crescente de afastamento das atividades laborais ou estudantis.

Quadro 6 – Relatos dos professores sobre a Doenças neuronais

Docentes Respondentes	Respostas
R1	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R2	“teve alguns colegas que piraram, teve casos de pessoas, enfim...(pausa) de atentados à própria vida e o pior, foi uma pesquisa muito solitária, pesquisar já é algo solitário, mas você pesquisar na pandemia era mais solitário ainda [...]”.
R3	“temos muitos alunos com TDAH, muitos alunos voltaram da pandemia com ansiedade, teve alunos com crise de ansiedade na escola e a gente precisa saber contornar essas questões”. “quando o aluno tem um laudo em alguns casos o estado disponibiliza um auxiliar para esses alunos e isso tem melhorado porque alguns alunos precisam de adaptações”.

R4	<p>“não só alunos como professores também, nós temos casos aqui de professores que estão afastados por questões psicológicas fora tantos outros que...que precisam também ser afastados do trabalho para tentar voltar para o eixo normal e infelizmente a quantidade só aumenta”.</p> <p>“há dez, quinze anos atrás ninguém comentava sobre isso e a cada dia que passa esse é o comentário que está chegando diariamente nas redes sociais, casos de alunos passando mal, se tremendo em sala de aula por causa de ansiedade, então infelizmente isso acontece, casos de suicídio também com alunos da universidade”.</p>
R5	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R6	<p>“nas minhas turmas aqui teve uma aluna que recentemente passou por um processo delicado, enfim, ela até expôs isso para os professores e para a secretaria aí foi encaminhada para o psiquiatra, para o psicólogo”.</p> <p>“Essa questão da ansiedade, das crises de ansiedade, realmente está mais comuns, como o nível superior tem pessoas mais velhas, mas é principalmente nos mais jovens”.</p> <p>“quando eu trabalhava no Instituto Federal tinha muitos casos a juventude mais adolescente estão mais susceptíveis a esses processos, teve caso de meninas que desmaiavam no banheiro, os alunos tinham muito essa questão da depressão mesmo, eu percebia bastante”.</p>
R7	<p>“o adoecimento dos professores está cada vez maior, a cada ano que passa devido a todos esses transtornos, ansiedade, síndrome do pânico, depressão, devido à constante luta pela melhoria nas condições de trabalho, constante desvalorização, constante desrespeito dos alunos e esse desafio de concorrer com mídias, com coisas já prontas e der que dar conta de tudo isso”.</p>
R8	<p>“eu sou uma pessoa que tem ansiedade, só que eu sou bem consciente da minha ansiedade então eu tento encontrar os meus mecanismos para não deixar ela tomar conta de mim, às vezes eu tenho aqueles sintomas como taquicardia, um tremor muito intenso dentro de mim, depende do ritmo”.</p> <p>“eu tenho um colega que diz que não sofre de ansiedade e isso para mim é tão raro hoje em dia, não se se você sente isso mas hoje em dia a pessoa dizer que não sente pressão e ansiedade por nada eu acho uma coisa...e eu me pergunto como deve ser esse mundo de você não sentir nenhum sintoma porque os sintomas da ansiedade são mentais e são físicos também”.</p> <p>“tem casos de professores que são afastados por ansiedade, eu conheço professor que foi afastado por crise de pânico, depressão, é algo muito comum na carreira”.</p>
R9	<p>“entrei no Instagram e tinha o relato de um colega da universidade que eu fiquei até preocupada quando vi a postagem e aí o colega colocou que ele desmaiou, que estava emocionalmente fragilizado e aí eu perguntei o que realmente aconteceu com o colega e o me informaram que ele estava meio cansado e bem depressivo por conta talvez do excesso de trabalho”.</p>

R10	<p>“tem vários casos principalmente relacionado à ansiedade e depressão, teve uma aluna que passou boa parte do primeiro semestre afastada e a atividade teve que ser de forma remota porque ela não podia voltar para a escola e a gente tem que saber lidar com esse tipo de aluno para não desencadear uma nova crise”.</p> <p>“eu nem escutava falar que adolescente tinha ansiedade e depressão, até tinha, mas a quantidade de casos não era o mesmo pós-pandemia, parece que quando voltaram da pandemia, do isolamento os casos aumentaram”. “até que um dia eu tive que pegar um artigo que já estava chegando a data ali do artigo e nada de conseguir escrever quando do nada me falta o ar e o coração começa a bater acelerado, que são os sintomas de ansiedade”.</p>
-----	---

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Alguns relatos alegam que a pandemia causada pelo coronavírus aumentou consideravelmente o número de casos de quadros neuronais entre professores e estudantes, o que torna ainda mais crítico esse item. Ainda há mais perguntas do que respostas, mais dúvidas do que protocolos operacionais, mas o que fica evidente é que essa questão precisa ser levada em consideração por todos os profissionais ligados à docência em seus vários níveis de atuação.

Consequentemente, desmembramos as falas em três outras categorias temáticas que são descritivas e reflexivas: a característica da geração atual, os recursos pedagógicos e à docência contemporânea. O Quadro 7 sintetiza a primeira dessas três categorias:

Quadro 7 – Relatos dos professores sobre as Características da geração atual de estudantes

Docentes Respondentes	Respostas
R1	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R2	“ainda mais nessa geração que é essa geração imediatista, ou seja, é o vídeo de três minutos, que se for mais do que três minutos eu não paro para prestar atenção...então como eu faço para prender a atenção?”.
R3	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R4	<p>“se a gente comparar as turmas de cinco anos atrás, de dez anos atrás as turmas que estão entrando agora [...] todos nós professores acreditamos que o rendimento diminuiu bastante”.</p> <p>“[...] a gente se preocupa muito com isso, nivelar logo no primeiro período para tentar evitar a evasão, aí tem o contexto de cada local, por exemplo, passamos por uma pandemia dois anos atrás, muitos alunos do ensino médio cursaram o ensino médio durante a pandemia e agora chegaram na universidade...eles já não sabiam ler o texto aí chegaram na universidade com fragilidades maiores”.</p>
R5	“os alunos hoje estão com preguiça de escrever porque a maioria das mídias sociais que usam códigos, emojis, frases muito curtas, e isso acaba

	fazendo com que eles tenham capacidade menor de raciocínio, em escrever textos mais complexos”
R6	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R7	“os alunos que nós temos agora nessa última década eu tenho 22 anos de magistério nos últimos dez anos, cinco anos eles já nascem tendo ao seu redor essas telas, smartphones, computador de mesa, que estão sendo substituídos pelo notebook, pelo tablet, o governo incentivou muito isso porque distribuiu tablets, chips foram distribuídos com acesso à internet as famílias carentes têm o plano da internet pago”.
R8	“o principal problema é os alunos não querer ler ou não gostar de ler ou querer tudo sintetizado, eu sempre digo que a leitura é a base de tudo”
R9	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R10	“o uso de dispositivos eletrônicos eu sempre comento com eles o quanto a gente está tendo agora essa necessidade de informação muito rápida, informação <i>fast food</i> e não tem paciência para ler o texto todo, a gente faz a pergunta e eles já querem a resposta ali, o mais claro o mais direto possível e de preferência que seja uma frase só, que seja curto e direto”.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Podemos notar que o distanciamento social instigado pela pandemia representou um divisor de águas para a educação, ficando claro que o nível de aprendizagem diminuiu drasticamente. Assim, a categoria **Características da geração atual de estudantes** traz relatos sobre o rendimento escolar e acadêmico, mostrando uma considerável dificuldade assimilar conteúdos e desenvolver os raciocínios esperados para cada ano escolar. A dificuldade e a falta de interesse pela leitura apareceram com bastante frequência nos relatos, o que pode ser apontado como um desafio adicional para os docentes. Essa condição remete às questões que volta e meia são trazidas à tona quando se fala em educação: os recursos pedagógicos.

A categoria **Recursos pedagógicos**, mostra que ainda há muita dispersão pelos docentes no que se refere às inúmeras possibilidades de ministrar conhecimentos aos estudantes. Naturalmente, o uso de telas analógicas, como quadro branco e cartolinhas são mais frequentes, mas tem crescido o uso de telas digitais, como tablets, aplicativos para celulares ou mesmo realidade aumentada (RA). Essas estratégias dependem, como mostram os relatos no Quadro 8 a seguir, dos recursos disponíveis nas escolas e universidades, bem como o acesso à internet:

Quadro 8 – Relatos dos professores sobre os Recursos pedagógicos

Docentes Respondentes	Respostas
R1 ao R3	Não trouxeram informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
	“o próprio whats app toda turma tem um grupo no whats app específico da disciplina e às vezes eu coloco figuras específicas, notícias de jornal no

R4	nosso grupo para eles lerem, refletirem e a gente analisar em grupo, mas os celulares são bastante utilizados”.
R5	“a gente tenta nesse quesito utilizar as tecnologias de formação da melhor maneira possível, o projetor de imagens, que hoje você tem a lousa digital que quase todos os colégios da prefeitura têm, eu também utilizo muitos as mídias sociais para mandar trabalhos, para mandar revisão, para mandar avisos, então hoje também o smartphone o tablet também entram nesse componente, como ferramentas para ajudar o nosso trabalho”.
R6	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R7	“eu sempre utilizo as mídias, sempre utilizo recursos eletrônicos em sala de aula, sempre que possível, sempre que estão disponíveis porque nem sempre a escola possui mais de um aparelho e nem sempre a sala de multimeios está disponível, gosto de iniciar a aula com uma música que tenha a ver com conteúdo, gosto de passar um videoclipe porque facilita a inclusão de deficientes auditivos, do deficiente visual”. “mas em sala de aula muitas vezes eles abrem os celulares e fazem pesquisas e análises de textos inclusive porque o próprio livro didático ele propõe pesquisas na internet. Sendo direcionado em sala de aula, tendo um direcionamento, um controle e uma fiscalização do professor não vejo problema nenhum do smartphone na sala pelo contrário, ele é útil, mas fora da escola, em casa, é terrível porque eles estão acessando temas que não deveriam”. “já existem bancos de imagens de satélite gratuitas, de fotos aéreas gratuitas oficiais inclusive, como EMBRAPA, INCRA, temos softwares gratuitos que podem ser instalados nos computadores das escolas, que são leves e fáceis de rodar e processar dados e os alunos poderiam ter acesso a essas mídias”. “eu costumo usar o livro didático, meu próprio celular, uma lousa digital, essa lousa digital já tem mais de dez anos que foi distribuída nas escolas do estado e da prefeitura, um computador que já vem com um projetor ao mesmo tempo e caixa de som, ele é um aparelho completo, você pode acessar a internet, quando tem eu uso apenas pincel com quadro branco com memorização através de mapa mental”.
R8	“eu costumo usar slide, mas eu gosto muito de desenvolver... eu digo situações de aprendizagens diversas eu trabalho com dinâmicas, atividades ativas”.
R9	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R10	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Finalizando, a oitava categoria diz respeito ao que se entende por **Docência contemporânea** com base nos relatos dos próprios professores de Geografia. Mudamos as bases de entendimento da sociedade pós-internet, mas ainda refletimos de modo insuficiente quanto ao novo papel docente em face às mudanças. Isso fica evidente, por exemplo, ao constatar que

apenas dois dos dez respondentes discorreram sobre o que significa ser docente na contemporaneidade. Os professores são cada vez mais cobrados por desempenho didático (sem anular outras cobranças) ao mesmo tempo em que disputam a atenção dos discentes com as luzes das telas digitais. O Quadro 9 elenca alguns desafios contemporâneos:

Quadro 9 – Relatos dos professores sobre Docência contemporânea

Docentes Respondentes	Respostas
R1 ao R6	Não trouxeram informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R7	“[...] só que eles não sabem selecionar as fontes certas, as adequadas para o aprendizado então esse é o papel do professor, nortear a fonte, fazer o link da realidade com essas fontes, é... ajudar a diferenciar o que é válido do que é inválido, do que é correto do que é incorreto, esse é o papel do professor da atualidade”. “nós somos impelidos a preparar aulas, a utilizar mídias que despertem interesses, que sejam criativas e que despertem a curiosidade do aluno, mas que quando você vai executar nem sempre aquela aula é bem aceita pelo aluno, nem sempre se interessam”
R8	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.
R9	“tipos de distrações dos alunos em sala de aula e falta de foco com textos longos, por isso mesmo eu não gosto de colocar textos longos, até nos próprios slides, são textos cursos, charges, mapas, eu gosto muito desses recursos porque estimula o pensamento deles”
R10	Não trouxe informações explícitas ou relevantes para esta categoria.

Fonte: dados da pesquisa (dados obtidos remotamente entre novembro e dezembro de 2023)

Assim, podemos afirmar que o docente cumpre um papel de educação além do conteúdo, abrangendo também uma formação humana. Habowski e Conte (2018) Issler *et al.* (2017) fazem leituras sobre essa expansão do papel docente na contemporaneidade. Novos desafios são lançados aos docentes a todo instante e, se tem desafios, também tem força para a busca de novas soluções.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como questão de pesquisa responder como as telas digitais influenciam docentes o fazer docente de professores de Geografia sob a ótica da Sociedade do Cansaço. A partir da fala dos respondentes, pudemos chegar à oito categorias de análise, que refletem em maior ou menor grau a relação dos docentes com a Sociedade do Cansaço. Foi possível notar que a exposição direta e indireta às telas digitais traz impactos consideráveis ao

profissional. Não nos referimos apenas aos artefatos eletrônicos em si, mas a todo o universo digital que conspira para atrair a atenção constante e compete com o mundo físico.

O impacto das telas digitais é direto na medida em que o sujeito utiliza cotidianamente esse artefato, desde a sua formação acadêmica até a comunicação com discentes e orientandos por meio de aplicativos de comunicação. Impactam também na saúde mental e física dos professores, promovendo um diálogo entre prazer e sofrimento na regência de sala que, muitas vezes, leva a um paralelismo: quanto mais “docente”, mais “doente” (muito embora a relação inversa. Também se articula o impacto direto por meio dos discentes que, ao serem constantemente expostos a estímulos digitais sem filtros, também se sujeitam às doenças neuronais e, com isso, trazem novos desafios aos docentes, perpetuando um ciclo cujo fim ainda parece estar longe de ser alcançado.

Nosso questionamento secundário pode ser satisfeito ao constatar que a formação profissional dos docentes ocorre já envolta de pressões e desafios quase sempre autoimpostos. Lançamos aqui um questionamento sobre que docente estamos formando e, mais ainda, se a formação (problemática e doentia) de nossos docentes não pode vir a ser um fator estressor para os estudantes no futuro, criando um efeito dominó. Também constatamos segundo os relatos que as gerações atuais estão muito mais expostas a problemas de saúde mental (e cada vez mais cedo), com claros reflexos na capacidade de aprendizagem, sobretudo no pós-pandemia.

Este estudo foi uma tentativa de responder a alguns questionamentos sobre o impacto da chamada Sociedade do Cansaço no fazer docente. Cansaço esse alargado pelo uso contínuo das telas digitais. Todavia, por não se propor a ser um trabalho definitivo, alguns outros pontos podem ser considerados para alertar os leitores. Entendemos que outros resultados poderiam ter sido obtidos, por exemplo, se focássemos apenas em docentes mulheres ou transexuais, já que esses grupos trazem questões específicas que muito provavelmente acrescentam uma carga extra à sua formação. Uma outra limitação fica por conta da não consideração do ponto de vista dos próprios discentes. Embora não tenha sido esse o foco da pesquisa, isso se torna claramente um viés pois uma parte considerável de participantes foi excluída. Destacamos ainda que um maior destaque poderia ser dado usando as lentes da psicologia, algo que não fizemos aqui por cautela, já que os profissionais de psicologia fariam esse trabalho com melhor acurácia.

Com base nesse entendimento, gostaríamos de propor que estudos futuros se propusessem a discorrer sobre as doenças neuronais na carreira docente considerando vários grupos de respondentes, como “estudantes de licenciatura em Geografia”, “mestrando e doutorando”, “concurseiros”, “professor concursado” e “professor titular (ou similar)”. Outros estudos

poderiam pesquisar a docente mulher no contexto da Sociedade do Cansaço, o que traria dados interessantes para serem comparados, por exemplo, em pesquisas com docentes homens.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOITO JR, A. Neoliberalismo, sistema educacional e trabalhadores em educação no Brasil. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 14, 16-28, 2002. Disponível em: <https://www.oocities.org/textosdiversos/neosistemaeducacional.html> Acesso em 09 nov. 2023.

CABRAL, S.; LAZZARINI, S.G. Internacionalizar é preciso, produzir por produzir não é preciso. **Organizações e Sociedade**, v. 18, n. 58, pp. 541-542, 2011. <https://10.1590/S1984-92302011000300011>

DA SILVA, M.A. Configurações da “Sociedade do Cansaço” no contexto da pós-graduação strictu sensu: a percepção dos estudantes da Universidade Vila Velha. **Dissertação**, 153p. Mestrado em Sociologia Política da Universidade Vila Velha, 2022.

DE SOUSA, R.L.P.; TELES, L.F. Ensaio sobre o trabalho docente na pandemia Covid-19, nor-teado pela obra “Sociedade do Cansaço” Byung-Chul Han. **Revista Filosófica São Boaventura**, v. 15, n. 1, jan/jul, 2021.

DE SOUSA, S.R.; MACEDO, C.G.; MÉLO, R.S. Competências ostensivas: o cotidiano de professores de educação física atuantes em academias de musculação. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, v. 26, 2020. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.100297>

DIAS, E. A educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 565-573, jul/set, 2021.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HABOWSKI, A.C.; CONTE, E. Cultura Digital versus autoridade pedagógica: tendências e desafios. **Linhas Críticas**, v. 24, pp. 494-517, 2018. <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.18993>

HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HANDCOCK, M.S.; GILE, K.J. On the Concept of Snowball Sampling. **ArXiv**, 2011. <https://doi.org/10.48550/arXiv.1108.0301>

ISSLER, M. *et al.* Reflexões sobre o trabalho docente: o mal estar da performatividade na Sociedade do Cansaço. **Revista Temas & Matizes**, v. 11., n. 21, p. 85-95, jul/dez, 2017. <https://doi.org/10.48075/rtm.v11i21.18303>

JURKOWSKI, L. **Efecto pantalla**: Cómo lograr el equilibrio digital. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones Lea, 2019.

MARTINS, S.B. Homo lattes: problemas na seleção de professores são reflexos da estrutura produtivista e burocrática das universidades públicas nacionais. **O Globo**, s/p, 2013.

MOTTA-ROTH; D.; HENDGES, G.R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Pará-bola Editorial, 2010.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, v. 1, n. 3, 1 sem., 1996.

PAULON, S.M.; CEDRAZ, A. Entre o desistir e o resistir: notas sobre o cotidiano docente na educação superior. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 397-414, abril, 2020.

SOUZA, K.R. *et al.* A trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (Sepe-RJ) na luta pela saúde no trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 8, n. 4, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000400027>

SOUZA, M.J.; GUIMARÃES, I.V. Histórias tecidas e publicizadas: formação, identidade e desenvolvimento profissional, **Holos**, ano 32, v. 2, pp. 281-300, 2016.

THIRY-CHERQUES, H.R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. **Revista PMKT**, v. 3, n. 2, pp. 20.27, 2009.

VILLELA, M.C.E.; TIMERMAN, F. Força, foco e fé: a sociedade do desempenho e a (má) alimentação. **Saúde e Sociedade**, v. 32, n. 2, 2023. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210771pt>

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>